

A DITADURA FEMENISTA

HIPOTHESE D'UM

FUTURO REGIMEN



II

O TRIUNFO DA REVOLUÇÃO — AS FEMENISTAS TOMAM O TERREIRO DO PAÇO E INSTITUEM O GOVERNO PROVISÓRIO — O ESPÍRITO TUNANTE — SAIAS OU CALÇAS? CALÇAS E SAIAS...

OS destinos cumpriram-se. Os projectos da «Femine Independent Association» tornaram-se uma auspiciosa realidade.

Nas faldas dos Pireneos, sobre os pincaros preferidos pelas aguias, acampavam agora numerosos batalhões de mulheres gordas, recrutadas nas ilhas britânicas, na França e na Península, — escossêsas altas, largas, adiposas; francêsas rotundas; lombardas de pés rústicos, asperos como cortiça; aragonêsas de olhos profundos e faces côr de pimentão; sevilhanas de amplas ancas e bôca vermelha como romã despedaçada; minhotas nostalgicas, poucas em número, porque a gordura não abunda sob o céu dialano do Minho...

Estavam equipadas, armadas, — e suas resoluções eram tão frias como a própria neve que as envolvia...

No Atlantico, a rodearem a península, bordejavam orgulhosas naves, — torpedeiros velozes como uma seta, submarinos que pareciam cetáceos, cruzadores altivos como titans, e em cuja popa fluía uma bandeira verde-gaio, síntese da liberdade e fraternidade femenina. O Mediterraneo não estava menos defendido, tambem por lá se quedavam em expectativa poderosos dreadnoughts da marinha inglesa, agora tripulados por arrojadas femenistas.

Nas velhas fortalezas instalaram-se mulheres idosas e feias, — e por lá, graças a Deus e como fôra previsto, os canhões não faltavam.

A península estava sob um regimen feminista, que se propunha corrigir todos os erros que os homens vinham praticando desde ha seculos.

Em Portugal a azafama era enorme.

Victoriosa a revolução, o Terreiro do Paço fôra invadido por uma legião de mulheres, que em breve se apossou das repartições, que para não desmancharem antigas tradições, selavam desertas, e dos correios e telegrafos, ocupados na distribuição de cartas e de telegramas expedidos com dois anos de antecedencia... E na ampla sala do ministerio do interior se instalaram as revolucionarias.

Estava ali a elite da mentalidade femenina: — Marcia Arado, a valente e adiposa extremista; Ana da Costa Onofre, a educadora das creanças; Adelia Cadete, a presidente da Cruzada; Marta Velada, Manuela Onhet e outras, muitas outras...

Os continuos, ao vê-las, e como se tratasse de senhoras, ensaiaram algumas amabilidades, mas logo D. Adelia Cadete, colérica, rubra, gritou:

— Considerem-se vencidos! — O vosso predomínio terminou...

Os homens afastaram-se pesarosos e elas, altivas, iniciaram a reunião em que deviam tomar importantes resoluções de administração publica. Faltava, porem, miss Mary, que

que era a alma de tudo aquilo e cuja presença seria prudente aguardar.

O tempo, porem, urgia, a cidade convulsionava-se sobre o novo regimen, lá fora troavam morteiros e vivas — e a delegada da «Femine Independent Association» não chegava...

A inquietação começou estendendo

suas azas negras sobre o coração das revolucionarias. E varias hipoteses surgiram. Não teria algum dessas cães tinnhosos chamados homens, atentado contra a vida da preclara inglesa? Não teriam as hostes femeninas, durante aquele intervalo, sido derrotadas pelos inimigos da liberdade da mulher?

Esta ultima hipotese não era de acreditar, pois as revolucionarias quando se dirigiram ao Terreiro do Paço já levavam a certeza da vitória.

Contudo, à medida que o tempo passava, na sala grande do ministerio do interior ia-se produzindo um doloroso silêncio, uma agoirenta expectativa.

Subito, a jornalista Marta Velada, a autora illustre da «Casa Assolada», deu um grito, abriu desmesuradamente os olhos e propôz:

— E se nós interrogassemos os espiritos sobre o destino de miss Mary?

Surgiram protestos, mas logo «D. Manuela Onhet», que



também cultivava os mistérios do Além, achou que a sua amiga tinha toda a razão. Interrogar-se-iam os espíritos.

E Marta Velada caiu em transe. Um maior silêncio se fez e apenas Marcia Arado, para não afrontar suas ideias radicais, se levantou e caminhou para uma das janelas, onde imobilizou seu rebusado corpo.

Em vez do espírito evocado, que era de pessoa seria, surgia um espírito anônimo, que decerto pertencera a algum mariola, e que agora se permitia dizer intoleráveis gracejos:

— Não levaram, não, a miss Mary... E se a levassem...
Uta delambida daquelas...

Neste momento, açodada, nervosa, a inglesa rompeu na sala. O ódio tinha tingido suas faces glabras de zarcão e, já familiarizada com o idioma português, ouviu e compreendeu as palavras que o espírito dizia por intermédio de Marta Velada.

Miss Mary exaltou-se, revoltou-se:

— Essa mulher está a brincar comigo! Que tome bem sentido: — comigo ninguém brinca!

Explicaram-lhe o fenómeno e os motivos que o levaram a produzir-se, e entre tanto Manuela Onhet fazia extraordinários esforços para que o medium voltasse ao seu estado normal.

Mas Marta Velada prosseguia em transe, irremediavelmente, inexoravelmente.

— Imagine que houve um homem que se atreveu a seguir-me, a fazer-me a corte, a dirigir-me galanteios! Por isso demorei, no desejo de o despistar. Como o não conseguisse, mandei-o prender por duas companheiras nossas.

O caso produziu, como é natural, violenta indignação.

D. Adelia Cadete protestava:

— Nem depois de vencidos se dão por satisfeitos! Ah! mas a nossa justiça cairá implacavelmente sobre eles.

A poetisa Vera Vitoria declamou:

— Fazer a corte a uma mulher... Pode-se lá tolerar uma coisa destas!

Nesta altura o espírito mariola falou pela boca de Marta Velada:

— Deixem lá, não se incomodem. O homem era maluco. Pois acreditam que haja um homem com juízo capaz de fazer a corte a miss Mary Goldsmith?

A inglesa fusilou com seus olhos o medium, mas este continuava impassivelmente adormecido.

Por fim, as revolucionárias sentaram-se em redor da ampla mesa, porque o tempo passava, urgindo que se constituísse um governo provisório e tomassem inadiáveis resoluções de ordem publica.

Miss Mary tomou a presidência. Falou, discretoeu sobre a revolução triunfante que não vencera só em Portugal mas sim em toda a península, e acabou por indicar modestamente a si própria para o cargo de presidente do governo provisório.

Finalmente organizou-se o elenco ministerial.

D. Maria Arado ficaria na pasta do Interior e interinamente na da guerra, tendo por secretárias algumas adeptas do livre pensamento.

Transitoriamente, enquanto a «Female Independent Association» não a entregasse de nova e importante missão, miss Mary Goldsmith tomaria a presidência do governo.

Nas finanças ficaria D. Marta Velada, a quem os espíritos podiam fornecer preciosas indicações sobre a maneira mais pratica de resolver o problema economico.

Para os Estrangeiros surgiram divergencias sobre se devia ser a poetisa Vera Vitoria ou a escritora Onhet, a indicada para o cargo. Por fim optou-se pela ultima, indo a poetisa para o ministerio da instrução, onde esperava criar, ao lado das Belas-Artes, um repartição para o desenvolvimento da Beleza Feminina.

A Adelia Cadete foi-lhe dada a pasta das Colonias e a Manuela Onhet, a do Trabalho, onde já tinha feito, no tempo ominoso em que os homens mandavam, algumas conferencias.

Quanto a pasta da Justiça, foi resolvido unanimemente, não ser preenchida nesse momento, pois justiça não podia haver quando se vinha de aniquilar a maior injustiça de todos os tempos — que era o predomínio dos homens.

As do Comercio e da Agricultura ficavam desde esse momento extinctas, até ultteriores deliberações.

Dissolviam-se, por inutil e loquaz, o parlamento e a presidencia da Republica, por antagonica com os principios igualitarios da revolução, era inexoravelmente suprimida.

Resolvidas estas extraordinarias medidas, as revolucionarias descançaram um

momento, refrigeraram-se com seus leques de em seguida dispuseram-se a discutir o facto mais importante da revolução: — a mulher devia usar calças ou saias?

Miss Mary, embora as calças não lhe desagradassem, era de opinião que o seu uso, a ser instituido desde já, podia ser tomado como um desejo de imitar o inimigo, esse inimigo depreciavel que era o homem.

A poetisa Vera Vitoria, era de opinião contraria:

— Para quê as calças? Para quê os homens, se as mulheres entre si podem realizar todas as aspirações? Ditadura de saias, era o que se impu!ha!

Surgiram divergencias, mas por fim o malfadado espirito que Marta Velada ainda tinha em si, alvitrou audaciosamente:

— Minhas senhoras, permiti-me que também dê a minha opinião... As mulheres de hoje em diante, para evitarem comentarios e indiscrições, devem usar saias por cima e calças por baixo.

Pela primeira vez Miss Mary achou que o espirito tinha razão...

(Continua)



O Ministerio do Interior, onde se reuniu o governo provisório